

1

Introdução

O objeto central em estudo neste trabalho é o Turismo de Favela que vem sendo praticado em comunidades pobres do Rio de Janeiro, focalizando como campo de trabalho para esta pesquisa a comunidade de Vila Canoa, que está localizada na zona sul da cidade, vizinha ao bairro de São Conrado. O objetivo geral é o de descrever os seus mecanismos e compreender o alcance e os limites desta atividade econômica no contexto de uma reflexão sobre desenvolvimento sustentável em comunidades urbanas pobres.

Dois motivos nos levaram a escolher este tema como objeto de estudo. O primeiro se refere ao fato de que a nossa graduação tenha sido na área de Turismo, e o segundo, como consequência da nossa participação em um projeto de desenvolvimento local sustentável, desenvolvido naquela comunidade pelo Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente, NIMA/PUC-Rio em parceria com o Instituto Gênesis, como coordenadora da Oficina de Turismo. Naquela oportunidade, o objetivo da Oficina de Turismo era o de conhecer e questionar as práticas do Turismo de Favela desenvolvido naquela comunidade pela empresa Favela Tour desde o princípio da década de 1990, posto que alguns dos moradores manifestavam constrangimento e indignação com a forma como este turismo vem se dando. O principal pleito que a comunidade expressava era o seu desejo de ampliação da sua participação neste empreendimento, tanto do ponto de vista da sua concepção e realização, quanto na distribuição dos benefícios econômicos dela aferidos.

Por ser um tema novo para qualquer área do conhecimento acadêmico, o Turismo de Favela, para ser aqui estudado, apropriará discussões relativas aos seguintes conceitos: identidades culturais (ou “território cultural”); as inserções sociais e “pertencas” nas comunidades, em particular utilizando os conceitos “estabelecidos” e “*outsiders*” (Elias e Scotson, 2000), e a “laje” como uma nova categoria de espaço urbano, que funciona como destino turístico no interior das favelas.

Com o crescimento do Turismo no Brasil, novos segmentos turísticos estão surgindo com uma única preocupação: a geração de emprego e renda para os seus empreendedores. A forma irrefletida como vem sendo feito o Turismo de

Favela, um segmento turístico especial, dada a sua interface com comunidades pobres, não só no Rio de Janeiro, mas também em outras grandes cidades brasileiras, como Salvador e São Paulo, por exemplo, é alarmante. No Rio de Janeiro, sabe-se que o Turismo de Favela foi iniciado a pouco mais do que uma década, na favela da Rocinha. Esta experiência provou ter demanda e considerável rentabilidade, de tal maneira que logo ela se estendeu para as favelas da Mangueira, Vidigal, Santa Marta e Vila Canoa, entre outras.

Na medida em que o Turismo de Favela representa uma oportunidade de empreendimento com elevado potencial de geração de emprego e renda para o desenvolvimento das próprias comunidades, nos parece extremamente importante discuti-lo. Por outro lado, ainda que ele possa representar uma oportunidade econômica importante e inovadora para a própria comunidade, a sua exploração, da forma e com os conteúdos que vem se dando, faz com que os moradores se sintam invadidos: uma invasão que fere a auto-estima dos indivíduos, que os inferioriza e que os estigmatiza, por visibilizar apenas a sua pobreza.

O trabalho realizado pela Oficina de Turismo em Vila Canoa nos permitiu entender que há muito mais a ser explorado turisticamente no interior das comunidades de forma pro-ativa como, por exemplo, os costumes (*ethos*) da coletividade, sua história, as habilidades, tradições, ou seja: o material identitário dos seus membros, o seu patrimônio cultural. A isso nos referimos quando falamos de outros conteúdos a serem explorados pelo Turismo de Favela.

Um tema ainda não abordado pelo Serviço Social, o Turismo de Favela tem muito a contribuir para o enriquecimento de linhas de pesquisa que se preocupem com desenvolvimento de comunidades, tanto do ponto de vista econômico, quanto de temas que se relacionem com sustentabilidade ambiental e social de comunidades pobres. Este Turismo tem um potencial de gerar emprego e renda, de desenvolver atividades educativas e culturais, de ampliar o ecoturismo e o Turismo cultural, de criar e incrementar a oferta de hostéis (albergues e hospedagens) e de criar oportunidades de comercialização de artesanato, entre outras coisas.

Nosso objetivo geral é o de entender qual o alcance e os limites do Turismo de Favela nas comunidades pobres do Rio de Janeiro, utilizando como campo de estudo a comunidade de Vila Canoa. Nossa preocupação é a de entender, através de um trabalho de entrevistas e observação de campo, como o Turismo de Favela atua sobre a auto-estima dos moradores, se provoca situações de constrangimento dos membros das comunidades ou se atua como predador das relações sociais intracomunitárias. Por outro lado, buscamos contribuir com

outras possibilidades de exploração do Turismo de Favela, que representem novas oportunidades para o desenvolvimento socioeconômico, ambientalmente sustentável nas comunidades.

Este trabalho está desenvolvido através de quatro capítulos temáticos. Nestes estão estudados os temas centrais para este trabalho: Turismo, desenvolvimento sustentável e inclusão social. No primeiro deles, buscamos trazer para a discussão sobre o chamado “Turismo de Favela” alguns conceitos teóricos que permitam repensar esta prática econômica à luz das necessidades de desenvolvimento socioambiental das comunidades visitadas pelas agências. Logo após, desenvolvemos um estudo sobre como este Turismo vem sendo desenvolvido no bairro de Vila Canoa, e para tanto apresentamos uma reconstrução da história local e uma análise das relações sociais ali presentes, a partir do material produzido pelo Projeto Vila Canoa. Os dois últimos capítulos temáticos apresentam um apanhado da pesquisa de campo que desenvolvemos nas comunidades de Vila Canoa e Rocinha.